

## O Movimento ecumênico sessenta anos após a *Unitatis Redintegratio*

*As pessoas mostravam-se assíduas no ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações [...]. Todas os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todas as pessoas, segundo as necessidades de cada uma” (At 2,42.44-45)*

Festejar aniversários é sempre bom! Melhor ainda quando podemos celebrar a longevidade e as pegadas deixadas nos caminhos curvilíneos da história humana. Para as tradições de fé, fazer memória das experiências ruins e das experiências boas é condição para a compreensão do sentido da revelação do sagrado nas trajetórias dos povos. A memória, para a fé cristã, é central para a manutenção e a atualização da Boa Nova de Jesus. Nossos sacramentos, nossas festas, nossos encontros são sempre celebrações de memória.

Fazei isso em memória de mim! Este foi o pedido de Jesus na última ceia. Esta é a frase que comunidades cristãs repetem, todos os dias, quando celebram a partilha do pão e do vinho. A comunhão, a partilha e a oração são formas de fazer memória, ou seja, de vincular nossas experiências presentes com as de nossos irmãos e irmãs das primeiras comunidades que se formaram em torno da proposta de vida que nos foi apresentada por Jesus de Nazaré.

Quando, em nossas celebrações, rodas de conversa, estudos bíblicos, grupos de orações, quermesses e romarias lemos e cantamos as histórias do Evangelho estamos fazendo memória. Com isso nos vinculamos às experiências de outros tempos e, com isso, formamos capacidades de discernimento crítico para identificar poderes humanos que se impõem em nome de Deus para perseguir e aniquilar experiências humanas. As experiências, muitas vezes, periféricas, não reivindicam autoridade sagrada, mas praticam os valores essenciais que poderiam se aproximar da sacralidade da vida: amor à pessoa

próxima, divisão de riquezas, solidariedade, acolhida às pessoas estrangeiras, ruptura com julgamentos e preconceitos.

Nem tudo o que reluz é ouro! Diz o provérbio popular. Da mesma forma, nem tudo que se faz em nome de Deus é sagrado. O escândalo das divisões e dos conflitos entre igrejas não são sagrados. Estas divisões e os embates em torno de qual é a igreja verdadeira, de qual é a forma correta de acreditar em Deus e de quem é a liderança legítima diante de Deus foram razões para guerras, assassinatos e condenações injustas.

O historiador Tom Holland, no livro “Domínio: o cristianismo e a criação da mentalidade ocidental”, recupera a história dos “*crucesignati*”, os assinalados com a cruz. Estes cavaleiros se reconheciam como um exército de peregrinos, que, como o Salvador, estavam repletos de amor pelos seres humanos. Estes peregrinos, estavam dispostos a morrer pela redenção da parcela da humanidade, condenada ao inferno, por não reconhecer Jesus como o Salvador. O historiador chama a atenção que este exército de peregrinos não tinha como alvo a expansão territorial, como as cruzadas anteriores. A meta era “a extirpação das crenças perigosas”. Para estes peregrinos, apenas o sangue poderia “lavar a cristandade da poluição causada pela heresia (Holland, 2022, p. 295).

Quem eram os hereges? Eram todas as comunidades que estabeleciam uma relação com o sagrado diferente daquela considerada verdadeira. Foi para combater heresias que, no ano 1209, o exército de peregrinos invadiu a cidade de Béziers, sul da França e dizimou a população, formada por cátaros<sup>1</sup>, valdenses<sup>2</sup> e católicos romanos. Holland (2022, p. 295), recupera que um dos

---

<sup>1</sup> Grupo cristão que acreditava em dois princípios divinos opostos: um Deus bom, responsável pelo mundo espiritual, e um Deus maligno, associado ao mundo material e à criação física. As pessoas cátaras reconheciam apenas um sacramento, que eles chamavam de ‘Consolamentum’, um batismo espiritual geralmente ministrado no leito de morte, pois acreditavam que o “Consolamentum” purificava a alma para o retorno ao reino divino. Os cátaros também acreditavam na reencarnação, compreendido como um ciclo de reencarnação das almas até que elas estivessem suficientemente purificadas para o retorno ao mundo espiritual. Esta comunidade religiosa tinha uma forte presença de mulheres, pois uma cátara poderia alcançar o posto de “perfeita” e, com isso, assumir funções de liderança na comunidade. Para saber mais, leia: PAGANELLI, Magno. Os valdenses e a Tradição carismática pré-reforma. Disponível em <file:///C:/Users/Romi%20Bencke/Downloads/46-Texto%20do%20Artigo-64-1-10-20221027.pdf>

<sup>2</sup> 3. comunidades associadas ao reformador Pedro Valdo, um francês, de Lion. Os valdenses, queriam realizar uma reforma por dentro da Igreja Católica Romana. Foram acolhidos pelo Fronteiras, Recife, v. 7, n. 1, p. 5-12, jan./jun., 2024

grandes medos dos *crucesignati* era matar uma pessoa que não fosse herege, dada a pluralidade dos moradores da cidade. Expressando o seu temor ao representante papal, a ordem foi de que todas as pessoas deveriam ser eliminadas, pois Deus reconheceria os seus. Foi assim, que a cidade foi reduzida a “destroços cobertos de cadáveres em uma única tarde” (Holland, 2022, p. 206).

Esta não é a única história de violência causada como resposta à ideia de que o diferente precisa ser eliminado. A leitura da bíblia, com destaque para as cartas paulinas, nos permite ler inúmeros momentos em que, nas comunidades primitivas, pessoas eram excluídas por serem gentílicas. As cartas de Gálatas e Efésios são dois exemplos dos conflitos comunitários por causa da diversidade cultural. Em ambas as cartas, Paulo, chama a atenção para o princípio da igualdade em Cristo Jesus. O apóstolo, inúmeras vezes, exorta os grupos conflitivos a respeitar os diferentes costumes das pessoas que participavam das comunidades. Da mesma forma, podemos ler sobre os tensionamentos que surgiam porque alguns se consideravam seguidores de Paulo e outros de Apolo. É famoso o discurso de Paulo, sobre este tema. Paulo lembra que quem anuncia a Boa Nova é cooperador de Deus. Lembremos do discurso que pode ser lido em 1Cor que diz:

[...] Com efeito, se há entre vós invejas e rixas, não sois carnis e não vos comportais de maneira meramente humana? Quando alguém declara: “Eu sou de Paulo, e outro diz: Eu sou de Apolo”, não procedeis de maneira meramente humana? Quem é, Apolo? Quem é Paulo? Servidores, pelos quais fostes levados à fé; cada um deles agiu segundo os dons que Deus lhe concedeu. “Eu plantei, Apolo regou, mas é Deus quem fazia crescer. Assim, pois, aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é; mas importa somente que Deus dá o crescimento [...] Nós somos cooperadores de Deus e vós sois a seara de Deus, o edifício de Deus (1Cor 3,3b-8a.9).

---

Papa Luciano, embora não pudessem desempenhar o papel de pregar o Evangelho. No ano de 1184, foram excomungados e perseguidos. Consideravam o clericalismo um dos grandes “pecados.”. Segundo Paganelli, (2022, p. 47), os valdenses negavam a existência do purgatório, a devoção aos santos, eram acusados de não aceitar os templos, cemitérios, altares. Rejeitavam elementos como água benta, liturgias, romarias e indulgências.

Ser cooperador e cooperadora de Deus, este é um dos princípios do ecumenismo. Não importa o nome da igreja a partir da qual se coopera. O que importa é que a cooperação aconteça, como diz Paulo, que um plante e outro regue, pois somente assim, Deus poderá fazer crescer, a justiça, o encontro, o diálogo e a convivência.

Nos tempos de Jesus, os conflitos por causa das diferentes formas de viver a experiência da fé em Deus também se faziam presentes. Lembremos do famoso diálogo entre Jesus e a Samaritana à beira do poço de Jacó, narrado em Jo 4,1-42. Segundo a narrativa bíblica, Jesus estava indo da Judeia para a Galileia. Em sua viagem, Jesus teria que passar pelo território dos samaritanos. Nos tempos de Jesus, as pessoas samaritanas eram associadas à impureza. Havia muito preconceito contra elas. Este preconceito estava associado à pertença étnica e religiosa dos samaritanos, originários da região de Samaria, que hoje, é uma região de fronteira, pertencente à Palestina. Atualmente, a Samaria, fica entre Israel e Cisjordânia. Uma parte dos samaritanos modernos vive em Holon (Israel) e outra parte em Nablus (Palestina).

Os samaritanos são um povo abraâmico, que se orienta pelo Pentateuco. Entre as pequenas diferenças entre judeus e samaritanos, a principal é que os samaritanos consideram o monte de Gerizim como sagrado, enquanto para os judeus, o monte sagrado é o Moriá, localizado em Jerusalém.

Nos tempos de Jesus, havia muito tensionamento entre judeus e samaritanos. O diálogo com Jesus e a samaritana revela as principais diferenças entre as duas formas de acreditar em Deus. Segundo o texto, após a conversa, Jesus, a convite dos samaritanos, ficou dois dias com eles. O texto finaliza contando que os samaritanos reconheceram Jesus como o salvador do mundo.

Cabe a pergunta: Por que samaritanos reconheceram Jesus como salvador? Uma das hipóteses que lanço é porque Jesus não se negou a conviver com os samaritanos por dois dias. Ele estabeleceu um diálogo em igualdade, rompendo com o estigma da impureza associado aos samaritanos. Depois que

Jesus e os discípulos foram embora, os samaritanos, mesmo reconhecendo Jesus como Salvador, não abandonaram a sua fé, assim como Jesus, também não deixou a sua. Tanto Jesus e seus discípulos, quanto os samaritanos foram transformados. Descobriram que é possível conviver com as diferenças.

A convivência na diferença, o reconhecimento de que é possível unidade na diversidade cristã é a essência do movimento ecumênico. Parafraseando Caetano Veloso que nos lembra que “toda a forma de amor vale à pena”, poderíamos dizer que o ecumenismo nos provoca a reconhecer que toda a forma de crer vale à pena. A divisão entre pessoas cristãs por causa da pertença institucional não tem sentido algum, pois como lembra Paulo, no final, todos somos cooperadores de Deus. Mudam-se os caminhos pelos quais cooperamos, mas ao final da estrada encontraremos Deus que nos faz crescer ao reconhecermos na outra pessoa de tradição diferente, nosso irmão e irmã.

Apesar de momentos de grandes avanços, a prática do reconhecimento mútuo entre as igrejas continua sendo um dos principais desafios do movimento ecumênico atual. Avançamos muito, por meio de documentos, como a Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação<sup>3</sup> e, no Brasil, com a celebração do Ato do Reconhecimento Mútuo do Batismo<sup>4</sup>. No entanto, o que está escrito e declarado nos documentos ainda é um horizonte a ser alcançado. Os preconceitos persistem entre católicos, evangélicos e pentecostais. O sacramento do Batismo continua sendo motivo de divisão e a celebração eucarística, expressão máxima da comunhão entre as pessoas que creem, ainda não pode ser celebrada de forma ecumênica. Vivemos a comunhão parcial. Temos sinais de que a unidade é possível, mas ela ainda não acontece plenamente.

Um dos momentos importantes da experiência ecumênica é a Semana de Oração pela Unidade Cristã (SOUC), organizada e animada pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), todos os anos, na semana de Pentecostes. Muitas pessoas conheceram a possibilidade da convivência ecumênica pela SOUC. Os testemunhos que chegam todos os anos são

---

<sup>3</sup> [https://www.conic.org.br/portal/files/DOUTRINA\\_DA\\_JUSTIFICACAO.pdf](https://www.conic.org.br/portal/files/DOUTRINA_DA_JUSTIFICACAO.pdf)

<sup>4</sup> <https://conic.org.br/portal/files/Batismo.pdf>

animadores. As pessoas se emocionam com a possibilidade de orar juntas, de aprender com diferentes confessionalidades. O centro da SOUC é a oração comunitária. Ela estimula a troca de púlpito, anima a conhecermos as diferentes igrejas. Temos relatos em que a Semana de Oração pela Unidade Cristã, é celebrada todos os dias da semana de Pentecostes. Cada dia em uma igreja diferente, sempre com uma liderança da igreja visitante realizando a homilia. A SOUC nos insere na experiência de Pentecostes, porque nos possibilita compreender que podemos falar de várias maneiras sobre Jesus, anunciar a Boa Nova de diferentes formas e com ênfases distintas. Esta é a grande mensagem da fé cristã: a diversidade é dom de Deus.

Na América Latina, o movimento ecumênico, notabilizou-se no apoio e inserção junto aos movimentos e grupos que lutaram pela democratização em países cujos governos eram ditatoriais. Foi assim no Brasil, na Nicarágua, em El Salvador, na Argentina, no Peru, no Uruguay, entre outros. Várias lideranças religiosas, leigas e ordenadas, foram torturadas e assassinadas por reivindicarem direitos para pessoas trabalhadoras, reforma agrária, direito ao sufrágio universal, direito à liberdade de expressão e de livre associação. Esta forma de prática ecumênica ficou conhecida como ecumenismo por direitos. No Brasil, o grande símbolo do ecumenismo por direitos foi o Projeto Brasil Nunca Mais, possível graças ao empenho e compromisso de evangélicos e católicos em denunciar as torturas e desaparecimentos forçados que ocorriam em nosso país entre as décadas de 1964 e 1980. Foi o movimento ecumênico, o primeiro a disponibilizar amplamente a Declaração dos Direitos Humanos no Brasil em forma de cartilha. No ano de 1973, em plena ditadura militar, a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) foi fundada por várias igrejas. Desde o princípio, a CESE representaria o compromisso ecumênico das igrejas com a promoção e defesa dos direitos humanos. Por isso, o primeiro gesto concreto da CESE foi produzir e distribuir a cartilha da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Desde 1973, já foram distribuídos mais de 2 milhões de exemplares<sup>5</sup>. Em 1973, a cartilha, em sua primeira edição, relacionou cada

---

<sup>5</sup> A Cartilha, por ocasião dos 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a CESE lançou uma versão atualizada da Cartilha. Nesta nova edição, além dos artigos da Declaração dos Direitos Humanos, acrescentou-se os resumos do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (PIDESC) e do Pacto do Pacto Internacional dos Direitos Civis e Fronteiras, Recife, v. 7, n. 1, p. 5-12, jan./jun., 2024

um dos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos com textos bíblicos. Neste período, o movimento ecumênico caracterizou-se por sua profecia corajosa e ousada.

Olhar para o passado e celebrar nossa história é fundamental para identificarmos nossa missão, mística e desafios. Infelizmente, no final do século XX e, nesta segunda década do século XXI, o movimento ecumênico brasileiro encontra-se em descenso. Os fundamentalismos têm se fortalecido também nas igrejas que foram essenciais para o ecumenismo no Brasil.

Os fundamentalismos tendem a associar a outra igreja com o inimigo a ser combatido. Os discursos sobre ser igrejas puras e verdadeiras são repetidos diariamente. Os clericalismos, impedem que comunidades cristãs se reconheçam na diversidade de dons de todas as pessoas batizadas, tornando-nos rígidos, legalistas e distantes das pessoas. Se, no passado, as igrejas ecumênicas eram parceiras na promoção dos direitos humanos, hoje, há uma tendência ao distanciamento dos direitos humanos e de fortalecimento de movimentos antidireitos, como o da Escola Sem Partido, Ideologia de Gênero, entre outros. Se, no passado, as igrejas ecumênicas foram fundamentais na Campanha pelo Desarmamento, hoje, os destaques são para grupos presentes nas igrejas ecumênicas que defendem uma sociedade armada.

Se, no passado, as igrejas do movimento ecumênico cooperaram para os processos de paz e apoiaram movimentos contrários a guerras, como a Guerra do Vietnam, hoje, grupos presentes nas igrejas ecumênicas, reforçam o discurso do sionismo cristão que legitima o genocídio do povo palestino.

Urge que, neste ano, em que celebramos os sessenta anos do *Unitatis Redintegratio* reencontremos os caminhos que nos conduzam à fonte de água viva que é o diálogo ecumênico. É este o caminho que nos desafiará a sermos cooperadores e cooperadoras de Deus para a paz plena entre os povos, da não violência e da possibilidade de reencontro com nossa humanidade. Fazer

---

Políticos (PIDCP). Além dos versículos bíblicos foram acrescentadas as Declarações Ecumênicas mais relevantes do período de 1973 a 2018. Este livro está disponível em [https://www.cese.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Cartilha\\_CESE-direitosHumanos\\_2018-FINAL-WEB\\_pagsIndividuais.pdf](https://www.cese.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Cartilha_CESE-direitosHumanos_2018-FINAL-WEB_pagsIndividuais.pdf)

memória é a possibilidade que temos para nos reencontrarmos com as profecias perdidas. Fazer isso, em memória de mim! É o que nos pede Jesus.

## Referências

ATO de Reconhecimento mútuo da administração do sacramento do Batismo. Disponível em: <https://www.conic.org.br/portal/documentos/documentos-ecumenicos>. Acesso em 17.03.2024.

DECLARAÇÃO Conjunta sobre a Doutrina da Justificação (PDF). Disponível em: <https://www.conic.org.br/portal/documentos/documentos-ecumenicos>. Acesso em 03.04.2024.

HOLLAND, Tom. Domínio: o cristianismo e a criação da mentalidade Ocidental. 1ª ed. São Paulo: Record. 2022.

Romi Márcia Bencke

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - Brasil

Pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, secretária geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil. Mestre em Ciência da Religião pela UFJF e doutorando do Instituto de Ciência Política, UnB. E-mail: romibencke@gmail.com